

Quando a filosofia vai ao teatro

Por Julia Guimarães¹

A emergência, nos últimos anos, de uma série de solos que se apresentam como uma espécie de aula ou palestra tem colaborado para ressignificar o flerte entre teatro e teoria. Nessas propostas, não se busca exatamente contar uma história, mas usar o teatro como lugar para uma partilha de ideias e pensamentos sobre um determinado assunto, sem valer-se de tantos aparatos cênicos e tampouco da mediação de enredos e personagens.

É a partir de uma perspectiva semelhante que se estrutura o solo “Paixões da Alma”, da atriz Cláudia Missura, cuja estreia no Festivale ocorreu na última terça-feira (04), no Teatro do Sesi. Embora aqui o formato de aula ceda espaço a uma situação mais intimista – a de uma mulher que conversa com o público enquanto prepara um ensopado na cozinha da sua casa – essa conversa assume uma forma igualmente expositiva e direta.

Com direção e adaptação de Marcelo Romagnoli, o espetáculo é baseado em três livros do filósofo francês René Descartes (1596-1650): “Discurso Sobre o Método”, “Meditações” e “As Paixões da Alma”. Enquanto os dois primeiros aparecem numa espécie de “prólogo” da obra, o último serve como o seu principal fio condutor. No entanto, para além da dimensão filosófica ou científica desse conjunto de teorias, os tratados de Descartes parecem interessar sobretudo pelas imagens poéticas que produzem ao abordar a relação entre corpo e alma.

Logo nas primeiras cenas, a narradora mostra ao público um grande pedaço de osso, ainda coberto por restos de sangue e de carne, enquanto descreve os efeitos da morte sobre o corpo. Na sequência seguinte, é a própria atriz que se desnuda ao som de uma batida forte de música eletrônica, enquanto aborda a composição do corpo humano em sua materialidade: órgãos, músculos

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

e nervos. Trata-se de duas imagens reveladoras para traduzir a qualidade do diálogo travado com Descartes: aquele que busca ressaltar uma dimensão fisiológica, psicofísica e material do corpo humano, a partir da transposição direta de trechos da sua obra.

Nesse sentido, a sequência do solo que parece melhor “abrigar” a linguagem filosófica no interior da cena é aquela na qual a protagonista executa diversas etapas de preparo de uma sopa enquanto ensina o público a “se proteger das paixões que atacam nossa alma”. Para tal, descreve com riqueza de detalhes os efeitos de cada uma das chamadas “paixões primitivas” elencadas por Descartes em seu tratado – admiração, desejo, ódio, alegria, tristeza e amor – sobre órgãos, veias, sangues e nervos. Dessa apropriação, surge um contraste interessante entre a abstração usualmente associada a esses sentimentos e a materialidade da descrição sobre como alteraram o corpo humano.

No jogo construído por Missura, a descrição das alterações fisiológicas produzidas por cada paixão, assim como o intento de defini-las, é também traduzida por imagens e cheiros vinculados ao preparo da sopa em ‘tempo real’. Enquanto um gengibre sendo ralado é associado ao ódio e a martelada no bife cru acompanha a reflexão sobre o desejo sexual, a imagem de um tomate batido no liquidificador pode remeter aos efeitos da alegria sobre a circulação sanguínea no interior de cada órgão.

Ainda que por vezes esse jogo fique ilustrativo e previsível, a atuação de Missura colabora para produzir quebras e contrastes necessários a um certo distanciamento. Merece destaque também a brincadeira de traduzir fisicamente em seu próprio corpo as alterações fisiológicas descritas no tratado filosófico, que levariam, por exemplo, do riso ao choro - quando os “vapores que formam a lágrima” começam a sair pelos olhos.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

É também pelo viés da atuação que ocorrem alguns dos raros momentos em que o texto de Descartes surge criticado. É o caso da discreta porém enfática pausa que Missura dá ao mencionar uma passagem que associa o amor ao mito da cara “metade” por uma “pessoa do outro sexo”. Na maior parte das cenas, contudo, o emblemático dualismo corpo-alma de Descartes, tão e tantas vezes criticado na história da filosofia, não chega a ser problematizado – ainda que o texto já contenha, por si só, trechos que dificilmente seriam recebidos hoje sem um mínimo de espanto, como, por exemplo, sua tentativa de identificar uma glândula do cérebro onde a alma incidiria sobre o corpo.

Como nos lembrou o artista e pesquisador Renato Ferracini em palestra sobre o tema desta edição do Festivale – Inquietações Cênicas – existem consequências que se fazem sentir até hoje decorrentes do fato de ter sido o entendimento de corpo proposto por Descartes – no qual este surge subjugado à alma – que tenha prevalecido na compreensão ocidental hegemônica acerca dessa relação. Uma dessas consequências seria, por exemplo, o lugar marginal que as artes cênicas ainda hoje possuem no âmbito da universidade e da produção de conhecimento.

Nesse sentido, a intensificação da reflexividade acerca desse diálogo com Descartes no solo poderia colaborar, inclusive, para que o público se questionasse sobre como essa teoria, escrita no século XVII, ainda hoje exerce influência sobre alguns de nossos aspectos sensíveis mais íntimos e, por isso mesmo, mais naturalizados. Por exemplo, o modo como nos apaixonamos.

É sobretudo na última cena do espetáculo, na qual a narradora finalmente entrega ao público sua receita sobre como livrar-se das temidas “paixões da alma”, que essa camada de reflexividade aparece com maior ênfase. Independente das muitas leituras possíveis acerca da “recomendação” dada, o fato é que a cena colabora para ressignificar todo o restante do espetáculo, pois a interpretação dos seus sentidos vai depender da maneira como cada

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.

espectador enxerga o lugar das paixões na busca (ou destruição) da sua própria felicidade.

Nesse sentido, trata-se de um desfecho que pode criar um efeito interessante também quando se trata do diálogo entre teatro e teoria: o de servir como uma espécie de gatilho sensível para despertar no espectador o interesse por aprofundar sua compreensão acerca das ideias filosóficas apresentadas ali.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP.